

Apresentação

O dossiê intitulado “Teatro, Epistemologia, Decolonialidade e Outras Reflexões Estéticas” pretende ampliar o debate em torno das relações entre o teatro, o conhecimento e as questões problematizadoras da decolonialidade, situando-os como processos e projetos políticos e históricos. Essas relações estão tramadas por uma tríplice indagação, a saber:

1. Quais são os índices e os sinais geopolíticos sobre os quais se inscrevem a produção acadêmica teatral de modo a negar a produção estética e intelectual da cena latinoamericana?

2. Quais são as implicações para pensar a complexa questão relativa à decolonialidade como projeto político e epistêmico e suas articulações com o discurso sobre o teatro?

3. De que modo é possível pensar na temática referente à decolonialidade do poder e do saber e à construção de novas perspectivas paradigmáticas do fazer teatral?

■ 12

Indubitavelmente, há uma curta aproximação entre geografia, política, cultura e conhecimento, ideologicamente constituída pela ordenação do mundo e da cartografia que o representa, principalmente na construção de um mapamundi que estabelece as relações de dominação entre as regiões norte e sul, bem como os espaços hegemonicamente econômicos e a sua iminente sobreposição a outras regiões, especialmente aos países africanos e latinoamericanos.

A representação da geopolítica dominante atual está solidamente fundamentada numa concepção monolítica, globalizada e universal de mundo, sob a égide da lógica do mercado e da cosmovisão neoliberal. Como parte constitutiva da visão social de mundo em tela emerge uma ordem política, econômica e social a determinar e a regular uma certa ordem de conhecimento.

Indiscutivelmente, a demarche epistemológica está constituída pela organização do sistema-mundo moderno, marcadamente colonial. A história do conhecimento moderno está fortemente impregnada pela dimensão geopolítica, geohistórica e geocultural, de maneira a possuir valor, cor e lugar de origem.

Nesse sentido, a colonialidade do poder implantou uma diferença que não é apenas étnica, mas sobretudo colonial e epistêmica, deslocando-se para o campo do saber ao afirmar a visão eurocêntrica como sendo a única perspectiva possível.

Nos rastros dessa economia política do conhecimento, os modos de organização do saber estão situados em determinados núcleos de poder e regiões periféricas e subordinadas que permitem pensar que os grandes centros de capital econômico também constituem-se nos grandes centros do capital intelectual.

Como forma de aprofundamento do eixo analítico em reflexão, o discurso da modernidade produziu a ilusão e a falsa representação de que o conhecimento é abstrato, imaterial, universal e desprovido de corpo, gênero e cor.

Neste cenário torna-se urgente a reconfiguração de um saber-fazer teatral no contexto da América Latina que repense as perspectivas contemporâneas de luta

social e política, de modo a evidenciar a nova construção de agenciamentos dos povos que não habitam a parte norte do planeta, mas que também estão a produzir uma política epistêmica em torno dos processos de decolonialidade.

Ao seguir as pegadas da discussão que aqui descortina-se em torno da decolonialidade epistêmica, os trabalhos reflexivos que constituem o presente dossiê apresentam uma profícua crítica analítica sobre o teatro, as artes e a teoria estética, convidando o leitor a exercitar um pensamento transformador, multi e pluriculturalista.

O conjunto dos textos e autores aqui apresentados possuem diferentes formações, gêneros e cores, todavia mantêm um ponto de interseção em torno do pensamento artístico e teatral como processo e projeto intelectual que apontam para a construção de outros modos de saber e empoderamento.

Portanto, os autores promovem um verdadeiro encontro de intervenção intelectual e de pedagogia crítico-emancipatória cujo cruzamento fronteiriço só faz sentido num legítimo diálogo com o leitor.

Adilson Florentino
Junho de 2018.